

APRESENTAÇÃO – Polifonia v. 27, n.46 (2020)

DOSSIÊ

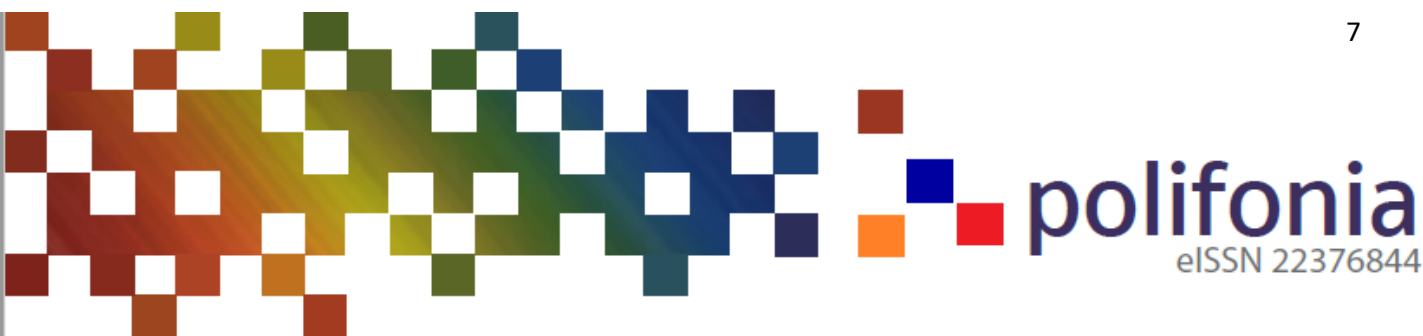
LINGUAGEM, RAÇA, GÊNERO E CLASSE SOCIAL: EPISTEMES DE RESISTÊNCIA

Um dos desafios contemporâneos, desde o final do século passado, vem sendo a questão interseccional de raça, gênero, e classe social nos estudos de linguagem. As primeiras pesquisas, na área de Linguística, Letras e Artes, priorizavam apenas um segmento identitário ignorando suas relações e sua complexidade. Raça, gênero e classe social são temas a serem destacados se levarmos em conta processos de opressão social vivenciados há séculos em nosso país. Trabalhos que focalizem esses temas permitem ampliar a natureza do campo da linguagem e entender os efeitos sociais, culturais e históricos desses marcadores.

Neste dossiê, acolhemos pesquisas que dialogam com diferentes processos interseccionais, levando em consideração as relações de gênero, negritude, branquitude, sexualidade, educação e sociedade para problematizar os sentidos discriminatórios ainda persistentes no Brasil contemporâneo. Sendo assim, nosso objetivo é ampliar a discussão na área de Linguagem, fomentando debates que possam alargar nossa compreensão sobre gênero, raça e classe social e seus efeitos discursivos.

O primeiro artigo que abre este dossiê intitulado “O negro-tema na Linguística: rumo a uma descolonização do racismo e do culturalismo racialista nos estudos da linguagem”, de Gabriel Nascimento, propõe uma revisão teórica a respeito dos estudos étnico-raciais mergulhando nas suas origens epistêmicas, explicando a constituição do racismo estrutural no Brasil, dialogando com os estudos linguísticos contemporâneos. O autor conclui que a ainda nos estudos de linguagem, de um modo geral, persiste o foco na figura do homem negro com objeto temático, dando pouca atenção às condições sociais e políticas subjacentes ao racismo.

No segundo artigo, “Eu posso terminar alguma frase...?” a opressão de gênero na condução de uma entrevista televisiva, os autores Marlete Sandra Diedrich e João Ricardo



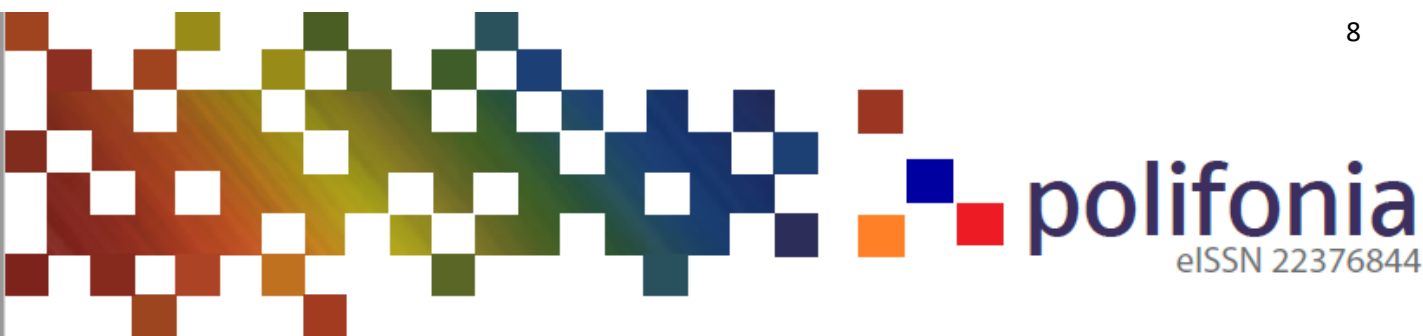
Fagundes dos Santos examinam a opressão social de gênero marcada na interação por meio de estratégias discursivas de gerenciamento de turnos e tópicos na conversação. Os pesquisadores analisam uma entrevista da candidata Manuela D'Ávila, do Partido Comunista do Brasil – PC do B, promovida pelo Programa Roda Viva, no dia 25 de julho de 2018. Os resultados apontam para interrupções no turno da candidata, caracterizando uma relação abusiva entre o entrevistador e a entrevistada em relação à questão de gênero.

O terceiro artigo, “Violência contra as mulheres: o discurso em duas letras de músicas dos anos 70”, Joana Rodrigues Moreira-Leite e Dánie Marcelo de Jesus procuram problematizar a questão da violência em músicas populares baseados em Foucault e colaboradores. A pesquisa destaca que as letras de música promovem a naturalização da violência contra a mulher.

No quarto artigo, “A masculinidade hegemônica e a (im)posição dos corpos: resquícios da virilidade patriarcal na história e na literatura, Flávia Andrea Rodrigues Benfatti, Cláudia Maria Ceneviva Nigro, Marcela Ernesto dos Santos, Davi Silistino de Souza, Luiz Henrique Moreira Soares polemizam sobre o desdobramento no mundo ocidental da masculinidade hegemônica e seus efeitos de verdades sobre os corpos socialmente desvalorizados.

O quinto artigo, “Educação linguística intercultural e decolonial em espanhol: propostas interseccionais”, Doris Cristina Vicente da Silva Matos discorre sobre o currículo baseado na educação intercultural e decolonial em língua espanhola. Para tanto, a autora demonstra por meio de sequência didática a possibilidade de repensar a educação com base nos paradigmas monoculturais.

No sexto capítulo, “Representações discursivas de adolescentes no combate ao *bullying*”, Silbene Rosa Paoliello tem como objetivo descrever uma pesquisa desenvolvida no âmbito de escolas secundaristas a fim de compreender as representações discursivas de alunos/as em relação ao combate ao *bullying*, com referencial teórico assentado na Análise de Discurso Crítica. Os resultados apontam que a escola pode se tornar um espaço de diálogo no debate sobre a violência.



O sétimo artigo encerra o dossiê temático, “Invisibilidades: mulheres negras, tradução e tradutores”. Andréa Moraes Costa e Gracielle Marques trazem à cena a discussão sobre a visibilidade de mulheres negras na área de tradução e sua pouca representatividade, alicerçadas pelos Estudos Feministas da Tradução.

Na seção outros lugares, o oitavo artigo, “A produção de sentido de texto literário em sala de aula por estudantes portugueses do 2º ano do 1º Ciclo da Escola Básica: uma proposta de análise da dinamicidade das vozes nas fronteiras dos enunciados, de autoria de Sandra Patrícia e Ataíde Ferreira, apresenta uma pesquisa que se propõe desenvolver a leitura em sala de aula do ensino básico dentro de uma perspectiva enunciativa. Os resultados indicam a reconceptualização dos alunos do prescrito pela professora.

No nono artigo, “Acceptability of uninverted questions by Brazilian learners of English”, Rosi Ana Grégis propõe discutir um estudo com 60 brasileiros aprendizes de inglês: como responderam a uma atividade escrita na qual eles declaram se aceitam ou não o uso de perguntas nas quais não há auxiliares na posição inicial da oração. Os resultados mostram que um grande número aprendizes consideram essas estruturas não-aceitáveis, mesmo em usos informais de fala.

O décimo artigo, “Uma análise formal dos nominais nus singulares no Português”, Nahendi Almeida Mota e Ana Quadra Gomes abordam os nominais nus singulares no Português Brasileiro. A finalidade do artigo é compreender como itens contáveis e massivos são interpretados pelos falantes de língua portuguesa. As autoras concluem que há uma relação entre massivos e a interpretação de volume e entre contáveis e a interpretação de cardinalidade em contextos neutros.

Encerrando a seção, o décimo primeiro artigo, “Uma leitura semiótica de *o beijo da palavrinha*”, Tiana Andreza Melo Antunes faz uma leitura da obra *O beijo da Palavrinha*, do escritor moçambicano Mia Couto com base na semiótica discursiva francesa.

Desejamos a todos uma ótima leitura! Ou algo assim.

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP)
Dánie Marcelo de Jesus (UFMT)